

UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES QUE OS PAIS TEM ACERCA DA SEXUALIDADE INFANTIL

Prof. MSc. Vanessa de Mello Fragiaco
Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Unesp – Universidade Estadual Paulista
Araraquara – São Paulo
vfragiaco@terra.com.br
rennes@fclar.unesp.br

RESUMO

Este trabalho teve como principal intuito buscar dados que possibilitasse a análise das concepções que os pais de crianças em idade escolar, tem acerca da sexualidade infantil, e como ela se manifesta na escola. Para realização dos objetivos propostos, foi criado um instrumento de pesquisa no qual foram desenvolvidas pranchas com desenhos situacionais, de crianças em suas brincadeiras sexuais, no ambiente escolar. Buscou-se com esse método estimular os pais a expressão de sentimentos que foram exteriorizados durante a entrevista. As demonstrações dos pais se deram, pois as situações apresentadas foram possivelmente semelhantes às vivenciadas por seus filhos na escola. A utilização da teoria Psicanalítica como base nas análises das entrevistas permitiu concluir que os pais de forma gerais têm dificuldade em aceitar e lidar com a manifestação sexual de seus filhos, e muitas reservas em comentar sobre o assunto, tanto na escola como no âmbito familiar. São preconceituosos, principalmente com as atitudes sexuais femininas. Com base nisto é extremamente importante o desenvolvimento de Programas de Orientação Sexual nas escolas, visando à desmistificação do tabu que ainda é gerado em torno da sexualidade infantil.

PALAVRAS CHAVES: *sexualidade infantil, educação sexual, psicanálise da educação.*

Introdução

Este trabalho consiste em averiguar a reação e a concepção que os pais de alunos, de uma escola particular do interior de São Paulo, têm em relação à sexualidade infantil, como ela se manifesta no ambiente escolar e como os pais lidam com situações envolvendo a sexualidade de seus filhos e as atitudes sexuais infantis.

Os pais parecem estar sempre inseguros e amedrontados quando o assunto é a sexualidade dos seus filhos. Eles nunca sabem qual é o momento adequado para que seus filhos recebam tais informações e qual seria o lugar mais adequado para que estes assuntos fossem discutidos. Ao mesmo tempo em que alguns pensam em transferir para a escola essa responsabilidade, outros temem que a escola não seja capaz de informar, de uma maneira correta, podendo até gerar conflitos entre os próprios pais com tendências mais conservadoras e aqueles com tendências mais liberais.

Mas apesar dos conflitos que a escola pode gerar, ela tem que tratar a orientação sexual¹ de seus alunos como qualquer outra disciplina que faz parte da sua grade curricular. Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) trazem para dentro da escola a formação integral do indivíduo como uma proposta básica, estabelecendo como temas transversais: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Estudos Econômicos. O tema Orientação Sexual tem uma conotação de educar para a saúde, sobretudo a partir da ocorrência da Aids no Brasil. Mas, mesmo assim, essa foi uma grande conquista que demorou a se efetivar. Agora se questiona se há professores com conhecimento, desprovidos de preconceitos, bem preparados (com sua sexualidade resolvida) para orientar, ao contrário, o trabalho irá esvaziar-se, contrariando a intenção clara nos documentos dos PCNs..

Na escola, a educação infantil ainda é muito discriminatória. As brincadeiras, os brinquedos, os livros e os trabalhos realizados pelas crianças são bem definidos para os meninos e para as meninas. Um exemplo disso é visto nos brinquedos do parque: na casa de boneca só é permitida a entrada das meninas, já na do Tarzan, por sua vez, só entram os meninos, regras impostas pelas próprias crianças. Observei que nos famosos clubes do “Bolinha” onde só entram meninos e da “Luluzinha”, onde só as meninas brincam, ainda prevalecem nas brincadeiras infantis.

A Escola como uma instituição padronizadora, tende apenas a repetir e perpetuar tais modelos de conduta, impostos pela sociedade machista. Outro exemplo clássico das diferenciações dos sexos é o da Disciplina de Educação Física, que ainda hoje em alguns colégios, mantém distintos os horários das aulas dos meninos e das meninas. Como proposta pedagógica das aulas, os meninos jogam futebol e as meninas vôlei, quando muito há um torneio de vôlei misto, como foi observado por Louro (1997, p.75) *“o gostar de futebol é considerado quase uma “obrigação” para qualquer garoto “normal” e “sadio”.*

Em relação às meninas Louro (1997), assinala de modo particular que os cuidados com relação a sexualidade levam muitas professoras e professores a evitar jogos que supõe “contato físico” ou uma certa dose de agressividade, pois vão contra a feminilidade, ou fragilidade necessária à passividade e à “graça” femininas.

Em relação à sexualidade, as mães ainda reprimem os comportamentos sexuais das filhas quando se diz respeito às curiosidades e brincadeiras. Ao contrário das filhas, os filhos ao invés de reprimidos são estimulados a serem ousados e agressivos.

Quando iniciamos a apresentação das cenas de manifestações de brincadeiras sexuais para os pais, as reações são bem distintas e claras. Quando se trata de menina é bronca na certa, ocorrendo o

¹ Os termos educação e orientação sexual eram utilizados conforme a abordagem teórica ou enfoque que cada autor teria a intenção de basear seu trabalho. Com a vinda dos PCNs (Parâmetro Curriculares Nacionais), o termo Orientação Sexual foi inserido como um dos temas Transversais a serem trabalhados nos contextos escolares. Assim sendo utilizo o termo Orientação e não Educação.

contrário com os meninos

As entrevistas mostraram claramente estas diferenças.

Objetivo

?? Realizar um estudo sobre a concepção e o discurso que pais de crianças em idade escolar, entre três e seis anos, tem a respeito da sexualidade infantil e sua manifestação na escola.

Metodologia

?? Para se atingir o objetivo desta pesquisa, optou-se pela utilização de desenhos situacionais, que uso o termo “pranchas”, que são desenhos que presenciamos no dia á dia escolar. A idéia de utilizar este tipo de material, surgiu com a experiência que tenho com as crianças e com os pais, quando tenho que contar sobre algum acontecimento ocorrido dentro da escola, quando falamos para os pais o que seus filhos fizeram a reação é de não aceitação, “imagina se meu filho ou minha filha fez isso”. Os pais nunca aceitam que tal comportamento tenha sido emitido pelo seu filho.

Para analisar os dados foi utilizado o método qualitativo por associar-se mais a um trabalho de entrevista e aplicação de material elaborado, evitando-se, assim, números e quantidades.

Sujeito e Local

Foram entrevistados 7 mães e um pai dos alunos da educação infantil da escola em questão.

1-mãe - M1	35 anos	2 filhas 3 e 14 anos)
2- mãe – M2	22 anos	1 filho (3 anos)
3-pai – P3*	34 anos	1 filha (4,5 anos)
4-mãe - M4	33 anos	1 filha (6 anos)
5-mãe – M5	28 anos	1 filha (4 anos)
6-mãe – M6	26 anos	1 filho(5 anos)
7- mãe – M7	30 anos	2 filhas(4 e 2 anos)
8- mãe – M8*	33 anos	1 filha (4,5 anos)

No processo da entrevista já houve uma expressiva diferença entre o comportamento dos pais. Os pais (entenda-se como genitores masculinos) das crianças não compareciam, dificultando sobremaneira o andamento das entrevistas, ao passo que as mães participaram da pesquisa sem dificuldade.

Os sujeitos foram entrevistados na própria escola. Quando chegavam, explicava como seria trabalho, desde a apresentação das pranchas até o uso de um pequeno gravador. Pedi autorização

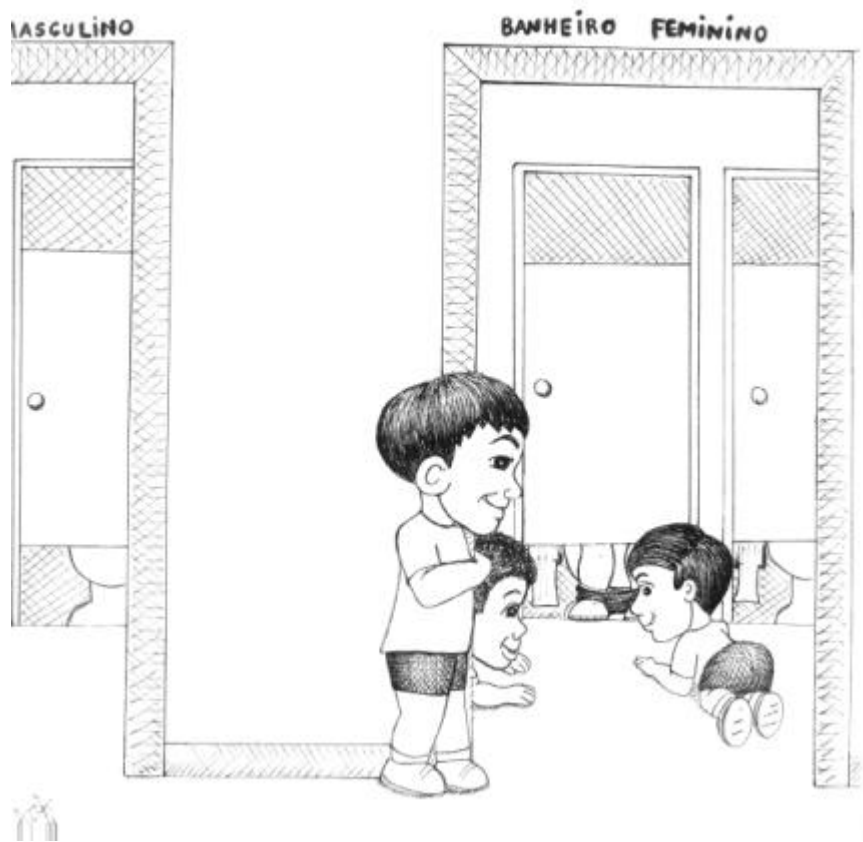
para a gravação, explicando que apenas as falas, sem a identificação do sujeito, apareceriam no meu trabalho. Após a explicação, iniciava a apresentação das pranchas com o gravador ligado. A sala era separada do resto da escola, o que permitia sigilo, longe de barulho, evitando intervenções que pudessem atrapalhar a entrevista.

As pranchas seguiam uma seqüência pré-estabelecida. Estavam todas numeradas, para facilitar a análise posteriormente.

O gravador ficou sempre ligado, gravando as falas, risos e comentários. As entrevistas foram abertas, mas em alguns momentos foram necessárias intervenções para entender melhor o que o entrevistado estava querendo dizer, ou se fazer entender.

O desenho situacional como estímulo para análise de concepções.

1 Cena



“A primeira prancha mostra um banheiro feminino onde há uma menina fazendo “xixi” e alguns meninos olhando por debaixo da porta”.

A escolha dessa situação para ser retratada em uma prancha, vem de encontro a cenas do cotidiano que presencio na escola. É muito normal e comum os meninos se unirem para olharem as meninas no banheiro, ainda mais quando percebem que não há nenhuma professora por perto.

A reação dos pais em relação a essa prancha é de uma “aparente” aceitação principalmente quando são os filhos que estão observando as meninas no banheiro. Quando são as filhas que estão sendo observadas, não há bem uma aceitação e sim um desconforto, mas que não chega a grandes conseqüências, um castigo ou uma bronca. A curiosidade em ver o que o outro está fazendo em um banheiro, ou o que este outro tem de diferente, faz parte das curiosidades infantis.

(M2)? -3anos *“eu acho tudo normal Vanessa, eu acho que até ela mesmo ia querer ver os meninos, acho que tudo é normal”.*

(M4)? -6anos *“situação comum entre crianças, principalmente entre meninos – curiosidade inocente, sem malícia alguma – se fosse minha filha brincando tiraria as crianças dali de uma forma sutil.”*

(M8)? -4,5anos *“aí é curiosidade, né, é normal toda criança é curiosa, quer ver eu acho que até aí é normal, é né, ainda mais menino que tem essa coisa que... e as meninas também... é que elas não falam tanto, as meninas são mais atiradas, ainda mais em grupo, porque sozinhas elas não fazem nada, agora em grupo tem curiosidade, eu acho normal acontecer isso, eu acho, se fosse minha filha, assim, eu não ia achar o fim do mundo, eu não ia achar nada muito... não, é molecada, na boa, eu não ia achar nada muito, não, mas eu ia falar pra ela, ó, ... eu procuro não falar muito, né, você percebe que ela já é curiosa, né, mas acho que eu não ia achar muito...”*

Fica clara a discrepância entre as respostas das mães dos garotos e das garotas no tocante ao machismo por parte das primeiras, que acreditam ser natural o interesse em desvendar o sexo oposto, ao passo que as mães das garotas mostram muito mais conservadorismo e protecionismo em relação a suas filhas.

O que precisa ficar claro é que há diferença de concepções numa mesma cena, por parte dos pais. Ainda quando estimulados pela entrevistadora com perguntas do tipo: “E se fosse sua filha?”, o interlocutor que é o único pai que participou da pesquisa reage de forma expansiva, dizendo:

(P3)? - 4,5anos *“Eu exigiria uma providência da direção da escola, pois eu acho isso um absurdo”.* Nestas respostas, que observamos acima, já nós mostramos que quando o assunto é sexualidade envolvendo crianças, e pais tendo que admitir a existência de tais comportamentos, as reações “negativas” já começam a surgir.

Obs: Nesta e na análises seguintes, o símbolo ? ou ? foram colocados para identificar o sexo das crianças, seguido das respectivas idades.

2 Cena



Esta segunda prancha, a cena tratada é de duas crianças de sexo opostos brincando de namorar e dando um beijo.

Esta cena foi escolhida porque como as outras são comportamentos até de certa forma estimulados pelos pais, afinal pergunta-se sempre à criança: “você tem namorado?”, “quem é seu paquera?”, e as crianças entre elas também já têm seus “namorado(a)s”, que, às vezes, o sujeito do enamoramento desconhece que possui um namorado(a). É muito comum ouvir a palavra namorada ou namorado no vocabulário infantil. E a situação do beijo também é parte do comportamento infantil desde muito cedo. As mães, são as primeiras a beijarem seus filhos, não importando o sexo

deles. E algumas mães, podemos observar, beijam seus filhos e filhas na boca desde criança. Os pais também, as vezes, beijam seus filhos na boca, mas geralmente enquanto são crianças, não sendo “muito” comum continuarem pela vida adulta. O beijo é um comportamento inerente à criança desde sua tenra idade. Portanto, para ela não é errado beijar quem gosta, pois ela aprende este significado simbólico de carinho muito cedo.

Só que nada disso parece passar pelo pensamento dos pais quando presenciam uma cena como esta.

Quando este segundo desenho é apresentado aos pais, as primeiras perguntas são “qual a idade dessas crianças?” “É o primeiro beijo?” “Criança pequena também faz isso?”, como se dar um beijo fosse um comportamento muito perigoso. Mas, novamente há diferenças entre as respostas das mães de meninas e as das mães dos meninos. Os meninos são até estimulados a “beijar” as meninas, enquanto as meninas são proibidas de beijar ou deixar os meninos as beijarem

(M2)? -3anos *“Se fosse o meu filho eu falaria: que bonito, é o machão da família (rindo), eu iria deixar, agora se fosse menina eu já iria cortar, não iria deixar”*

(M4)? -6anos *“Discordo totalmente, se fosse minha filha aconselho a não beijar os amiguinhos na escola – falo que tem bichinho, bereba, afta, sapinho na boca do menino. Aconselho totalmente a não beijar. Se vejo minha filha beijando chamo ela como se nada tivesse acontecido e tenho uma conversa séria. Ela muito novinha e precoce para namorar, ela tem que aproveitar a infância para brincar, tudo tem sua fase certa e escuto o que ela tem pra dizer e confio nela.”*

A entrevistada coloca para filha até riscos de doenças causados pelo beijo na boca, para “afastar” qualquer hipótese da filha querer dar um beijinho. Mas esses discursos dos pais não chegam na escola como um pedido para “controlar” seus filhos, parece que está claro que é esse um dos papéis da escola.

Nunes (2000), a respeito do beijo, comenta: *Uma das mais comuns manifestações de vivências afetivos sexuais traduz-se nos jogos que envolvem a descoberta e a prática do beijo.* Para esse autor a criança é estimulada por uma cultura própria da mídia, explícita ou de maneira mais acanhada, sente-se atraída pela simbologia e cultivo social do beijo, não estando ligada ao aspecto sexual/genital.

E segundo Nunes (2000), o namoro também é mais um jogo simbólico, que não chega a ser um namoro e sim “um pseudonamoro”, mais uma imitação da TV e seus esteriótipos.

É importante notar que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade não é apresentada de forma aberta.

Todos, no ambiente escolar, desde a inspetora de aluno até a diretora da escola, conhecem, sabem e presenciam cenas de brincadeiras sexuais infantis, os namoros, as brincadeira nos banheiro e,

principalmente, os beijos. Sempre são vistas, porém, às vezes, ignoradas. O medo e o desconforto de lidar com tais situações, ou realmente ter que “tomar” uma providência, uma conversa, uma punição ou outro tipo de atitude, ganham para a omissão. Ninguém viu, nada aconteceu.

Indagados sobre essa questão, não é aceitável que dirigentes ou professoras façam afirmações do tipo: “em nossa escola não nos preocupamos com isso”, ou “isso não acontece aqui”.

A entrevistada coloca para filha até riscos de doenças causados pelo beijo na boca, para “afastar” qualquer hipótese da filha querer dar um beijinho. Mas esses discursos dos pais não chegam na escola como um pedido para “controlar” seus filhos, parece que está claro que é esse um dos papéis da escola.

3 Cena



A criança está na sala de aula, e enquanto a professora esta dando aula, ela está imaginando o que os pais estão fazendo em casa.

Esta cena, da prancha quatro, foi escolhida porque, às vezes, sentimos a criança dispersa em sala de aula, longe do que está ocorrendo na classe e dos ensinamentos dos professores. Esta dispersão pode ser fruto de algo que tenha acontecido em casa, ela pode estar sonhando acordada, devaneando, ou qualquer outro tipo de pensamento. Os pais geralmente não percebem, negam quaisquer tipos de curiosidade de seus filhos a respeito da sexualidade deles ou, nem imaginam

que crianças pequenas possam pensar sobre o que os seus pais fazem quando fecham a porta do quarto. Esta cena foi para investigar se os pais imaginam o que suas “crianças” pensaram a respeito da sexualidade de seus pais, da cena primária, “de como eles foram parar dentro da barriga da mãe”, “o que os meus pais fazem quando fecham a porta do quarto”. Porém, esta hipótese pelos pais, parece ser negada. Eles não acreditam que crianças tão pequenas possam ter algum tipo de pensamento deste, mostrado na prancha.

(M1)? -3anos *“Mas, acho que criança de pequeno não tem essa fantasia, pequenino não isso só quando é adolescente”.*

(M2)? -3anos *“Não, nunca, imagina, mas acho que na idadinha dele ele não imagina nada, acho que ele não tem muita imaginação, assim, ele só vê assim: beijando na novela... aí ele fica assim: mãe, você beija o pai, assim, eu falo beijo, beijo você, acho que ele não tem aquela coisa, a hora que você fala dá um beijo de novela, ele já vem beijar você na boca, essas coisas... mas agora imaginar outras coisas ele não tem ainda”*

(P3)? -4,5anos *“eu não gosto disso... pra mim a professora tem que ter controle da situação e não deixar que isso aconteça, se chamar, despertar muito a atenção, quanto mais você repreende, estimula mais a fazer a coisa errada, tem que ter uma psicologia, uma didática pra que mostre que isso está errado, sem que desperte a curiosidade e a vontade de fazer de novo...”*

(M6)? -5anos *“uma filhinha básica... eu ia ficar muito brava, escuta aqui menino? Vocês não tem pai nem mãe não? Eu acho que isso é muito.. quando acontece se a gente vê, é bom a gente chamar e conversar, que acho que é uma idade que eles estão se descobrindo, se você continua deixando, finge que não vê, sei lá acho que ele vai gostar... é uma idade que eles estão descobrindo, é chato, desagradável, se eu ver não vou gostar”.*

(M8)? -4,5anos *“eu ia achar, pelo jeitinho dele assim, que estavam abusando dele mesmo, não ia gostar, eles são meninos, eu ia tentar proteger esse coitadinho... eu não ia deixar não, eu ia dar uma bronquinha no outro, para não deixarem eles fazerem isso, eu não gosto porque ele não está gostando, os outros estão forçando uma situação e mais a piadinha e todo mundo tá dando risada, pois estão colocando ele numa situação constrangedor. A professora é cega né, ela não enxerga um palmo na frente do nariz, se eu estivesse no lugar dela eu não ia deixar não, tem que respeitar esse menino, se ele não está gostando não era pra fazer isso”*

Entre os pais é normal pensar que seus filhos não têm esse tipo de curiosidade, que é quase impossível a criança pensar que os pais possam ter relações sexuais ou namorar no quarto enquanto estão de portas fechadas. Mas quando observam as perguntas: “de onde vim?”, “Como eu fui parar dentro da barriga da mamãe?”, é que eles admitem que há necessidade de orientar e responder aos questionamentos de seus filhos.

Podemos assim traçar um paralelo disso com o tipo de saber que a criança necessita.

Discussão

Na presente investigação procuramos ou mostrar um pouco da complexidade das questões envolvendo a sexualidade infantil e suas manifestações e procuramos entender a visão dos pais têm a respeito do comportamento sexual da criança no contexto escolar.

Na temática da Sexualidade Humana, uma diversidade de pensamentos, vozes e estruturas afetiva, se interagiram promovendo vários significados e conhecimentos.

Os dados que obtivemos nesta pesquisa, permitiram refletir muito sobre os papéis sexuais que temos, construímos e perpetuamos em nossa sociedade e como a questão do gênero é muito forte em nossa cultura.

Temos aqui uma pequena amostra de que mesmo com as liberdades de comportamento, conquistas, ainda existem idéias retrógradas, e preconceituosas em relação a sexualidade infantil, observadas no discurso de um grupo de pais de idade entre 22 e 34 anos, nascidos portanto no final da década de 70 , período em que a liberdade sexual ocupava importante espaço na sociedade brasileira.

A exemplo disto Ribeiro(1990) nos reporta aos anos 80 , onde a televisão surpreendeu os lares com novelas e propagandas com grande apelo sexual. O carnaval, desta época também, demonstra expressões de erotismo do ser humano, que nesta época é totalmente liberado, sem censuras ou preconceitos. É uma festa de todas as classes sociais. Onde a manifestação sexual não é propaganda de TV e sim, manifestação pura e simples. E isto tudo continua até hoje e cada vez mais forte em nossa sociedade.

Como explicar toda esta evolução sexual explícita, esta liberdade conquistada, com estes discursos de pais que nasceram, exatamente nesta época do “estouro” das conquistas sexuais.

Usando as palavras de Camargo e Ribeiro(1999), são anos de adestramento em que a sexualidade vem sendo vigiada e normatizada, a nossa herança cultural deixou impregnadas em nossos corpos as relações entre o pecado e a carne; o sexo e a sexualidade restritos à genitalidade. Impondo culpas, penalidades e reduzindo a sexualidade ao que pode, ao que não pode, ao que é adequado e ao que não é adequado, ao que é normal e ao que é patológico.

Há mais de cem anos Freud fez seus primeiros escritos sobre a sexualidade infantil, e, até hoje, estes conhecimentos, parecem não fazer parte do “saber” dos ambientes onde circulam toda esta manifestação sexual normal que é inerente ao desenvolvimento psicológico e social, intelectual de um ser humano.

Como diz Bernardi (1985), a *assexualidade* é um traço marcante nos discursos escolares e familiares. Pais, filhos e professores, todos omitem seus desejos, suas fantasias sexuais, tornando-se assim assexuados, forma menos conflituosa de enfrentar os desafios do nosso cotidiano.

Outra questão, que apareceu nas falas e podemos classificar como mais uma resposta, é sobre as concepções e reações dos pais. A educação sexual está ligada ao sexo da criança, ou seja, ao gênero, tanto na educação escolar, como na educação informal. O que é de menino e o que é de menina estão ainda bem diferenciados. A literatura aponta, e na prática se repete, a menina aprende a ser menina, e o menino aprende a ser menino.

Manifestações sexuais, como curiosidade, exibicionismo, masturbação, são permitidos apenas para meninos, quando se trata de meninas a reação das mães é punitiva e dos pais também.

Inventam histórias para as crianças, como forma de camuflar a sexualidade existente e manifestada, acreditando, ou se enganando que elas acreditaram. Insegurança e medo das brincadeiras sexuais, como se elas fossem pecado.

Certos pais até se utilizam de discurso médico, como machuca, pega doença, cai ou cresce pelo na mão, nasce verruga e outros. Ou quando não, usam discursos religiosos, do tipo, “Jesus está vendo”, “O Papai do Céu não gosta”, “É pecado”, para tentar afastar os comportamentos sexuais que tanto temem.

O que fazer diante desta problemática toda? A quem deixamos a responsabilidade da Orientação Sexual? Ela pode ser realmente efetivada? Se ministrada pelos pais, como fazer, se a relação familiar se coloca como assexuada? Pela escola, a sexualidade no ensino formal é baseado em questões fisiológicas e não afetivas.

Para os especialistas, uma educação sob medida, individualizada – utópica. Faz-se necessário orientar para a sexualidade? Ou continuamos de olhos fechados, ignorando as falhas que ocorrem?

Propostas, idéias, hipóteses, programas temos pesquisado e elaborado diversos.

A questão é: será possível concretizá-los, pôr em prática? Temos este espaço Ou quanto tempo ainda temos que percorrer para conquistá-los?

Este será nosso desafio: conquistar um pequeno espaço para que algumas reflexões e construções a respeito da sexualidade possam realmente serem concretizadas.

REFERÊNCIAS

- BERNARDI, Marcelo. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NUNES, C. **Desvendando a Sexualidade**. 2 ed. Campinas: .Papirus, 1997.
- _____; EDNA S. **A Educação Sexual da Criança**. Campinas: Autores Associados, 2000
- RIBEIRO, P.R.M. **Educação Sexual além da Informação**. São Paulo: EPU, 1990